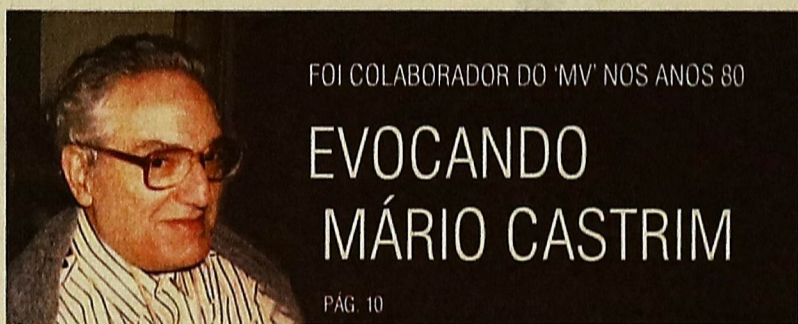




MEDICAMENTOS GENÉRICOS

ACEITAÇÃO GERAL AUMENTA EM ESPINHO

REPORTAGEM NA PÁG. 9



ASSEMBLEIA MUNICIPAL BANDEIRAS AZUIS ENCHEM REUNIÃO

PÁG. 7



Espinho
em Breves

Na Rádio Costa Verde.

Concelho em debate às sextas

Aproveitando a remodelação de que os seus estúdios foram alvo, a Rádio Costa Verde criou um novo espaço de debate sobre os temas que têm estado na ordem do dia no que toca ao desenvolvimento do concelho de Espinho.

A primeira sessão foi dedicada ao tema "O Estado do Concelho"; José Luís Peralta (PS), Pinto Moreira (PSD), Elpidio Sousa (CDS/PP) e Jorge Carvalho (CDU) foram os intervenientes neste debate, durante o qual foram abordados, entre outros assuntos, a polémica questão do Estádio Municipal, o enterramento da linha férrea e as viagens do presidente da Câmara Municipal.

Trata-se de uma iniciativa que decorrerá todas as sextas-feiras, das 22h às 24h, e que poderá ser acompanhada pelos ouvintes nos 88.4 FM da Rádio Costa Verde. A próxima edição versará o tema "Estado da Educação no Concelho".

Entretanto, o presidente da CME, José Mota, já confirmou a sua presença numa edição extra, a realizar no próximo dia 28 de Outubro, segunda-feira.

Incompleta

Até quando? Claro, a Avenida 32. Faz-se aos soluços. Soluços já demasiado longos. Já lá vão anos. Nos extremos, as entradas norte e sul são para esquecer. Os troços entre as ruas 62 e 19 e a rua 33 e Silvalde nunca mais se arranjam. O troço entre as ruas 19 e 33 vai-se fazendo. Uma via daquelas já não deveria estar a funcionar em pleno?

CASA ALVES RIBEIRO

Rua 19 n.º 294 - Espinho

vende

- bacalhau de primeira qualidade
- vinhos do porto datados
- espumantes naturais
- vinhos de mesa
- whiskies e aguardentes
- amendoim torrado
- biscoitos de Valongo
- cafés de fábrica própria do que de melhor se fabrica

Casimiro de Andrade

MÉDICO DENTISTA

CONSULTÓRIO: RUA 22 N.º 487 - 1.º (JUNTO À CÂMARA)

Telefone 227344909 - ESPINHO

No Planetário do Multimeios

'A zanga da lua'

No próximo sábado, dia 26, pelas 16h, o Planetário do Centro Multimeios de Espinho inaugura uma nova sessão, desta vez dirigida ao público infantil. Esta sessão conta a história do João, do seu macaco Rafael e do robô Latinhas, que se aventuram pelo sistema solar em busca da solução para a "zanga da Lua". Trata-se de uma divertida aventura, construída à volta de um filme de animação.

A "Zanga da Lua" é uma produção da Fundação Navegar, e a animação e ilustrações estiveram a cargo da "Ánimo Leve".

Escuteiros de Anta

Rádio-convívio

No passado fim-de-semana, o Agrupamento 1114 do Corpo Nacional de Escutas de Anta participou no 45.º JOTA - Jamboree no Ar (Encontro Mundial de Escuteiros, via rádio). Para o efeito foi instalada nas antigas instalações da Junta de Freguesia de Anta uma estação de rádio-amador que funcionou desde as 24h de sexta-feira até ao final da tarde de domingo. Durante esse período funcionaram também algumas actividades paralelas.

Árvores

Entre as ruas 11 e 15, o antigo espaço da feira, desde há anos deficiente parque de estacionamento de veículos, está a sofrer completa alteração, de certeza para permitir o devido aparcamento automóvel. Ainda bem, mas melhor é o facto de ter havido o cuidado de preservar, e não derrubar uma que fosse, as muitas árvores ali existentes. O que prova que as coisas podem ser bem feitas.

Armadilhas

Quem calcorrear os passeios da nossa urbe (de automóvel não se vê, nem se dá por isso), encontra autênticas armadilhas quer pelo desnivelamento de muitas tampas de pluviais, quer pelos buracos, quer pela falta de pedrinhas, etc.

Já se têm registado vários acidentes, alguns graves, naquelas ratoeiras que põem em risco os cidadãos, tantos deles idosos (que em certas circunstâncias merecem tratamento especial).

Era importante uma vistoria (não de automóvel), com olhos de ver, e a reparação desses inegáveis atentados à integridade física dos cidadãos.

Ervado

No largo fronteiro da Câmara, todo empedrado, em vários sectores, uma área já não tão pequena como isso, está a crescer verde vegetação entre os calhauzinhos, o que nem é adequado, nem dá bom aspecto.

Ou é empedrado, ou é ajardinado. Mas nunca um ervado a destoar.

Passagem

Se estão à espera do enterramento da linha, ainda vai sobrar muitíssimo tempo e o problema já devia ter sido solucionado. Nas diversas passagens de nível existentes na cidade, o seu estado, seja para o atravessamento de veículos, seja para peões, não se reveste das condições adequadas, como é fácil constatar nos locais. Ora, isso pode causar sérios problemas para veículos e cidadãos. Quem terá obrigação de resolver o problema? Quem tem obrigação de exigir que se resolva?



Quinta, 24 CONCEIÇÃO - Estrada de S. Tiago, Silvalde / Telef. 227311482
Sexta, 25 TEIXEIRA - Av.º 8 - C. C. Solverde / Telef. 227340352
Sábado, 26 SANTOS - Rua 19 n.º 265 / Telef. 227340331
Domingo, 27 PAIVA - Rua 19 n.º 319 / Telef. 227340250
Segunda, 28 HIGIENE - Rua 19 n.º 393 / Telef. 227340320
Terça, 29 GRANDE FARMÁCIA - Rua 8 n.º 1025 / Telef. 227340092
Quarta, 30 CONCEIÇÃO - Estrada de S. Tiago, Silvalde / Telef. 227311482



CENTRO MULTIMEIOS

'O QUARTO DO FILHO'

(26 A 31 DE OUTUBRO)



ESPINHO

Hospital	227331130	A. Viação Espinho	227340323
Centro de Saúde	227341167	Táxis (Graciosa)	227340010
C. R. Segur. Social	227341956	Táxis (Câmara)	227343167
Clínica Costa Verde	227345885	R. Táxis C. Verde	227340118
Clínica N.S. d'Ajuda	227342695	R. Táxis União	227348017
Clínica S. Pedro	227344714	R. Táxis Unidos	227342232
Policlínica	227330640	Táxis Verdemar	227343500
PSP	227340038		
Tribunal	227342351		
B.V. Espinho	227340005		
B.V. Espinhenses	227340042		
C.M.E.	227335800		
Avarias (Águas e San.)	227335840		
Biblioteca	227340698		
EDP (agência)	227348387		
EDP (avarias)	800506506		
Junta de Freguesia	227344418		
CTT Rua 19	227330631/2		
CTT Rua 32	227330661/3		
CTT (C.D. Postal)	227340010		
Registo Civil	227340599		
Finanças	227340750		
Tesouraria	227343730		
CP	227346312		

ANTA

Junta de Freguesia	227346453
Unidade de Saúde	227345810
Lar da 3.ª Idade	227344651
Farmácia	227341109

GUETIM

Junta de Freguesia	227344226
--------------------	-----------

PARAMOS

Junta de Freguesia	227342710
Unidade de Saúde	227345001
Farmácia	227346388
Reg.º Engenharia	227342023
Centro Social	227342005

SILVALDE

Junta de Freguesia	227344017
Un. Saúde Silvalde	227343642
Un. Saúde Marinha	227343101



QUARTO MINGUANTE
Dia 28 de Outubro



Dia da semana		PRAIA-MAR				BAIXA-MAR			
		MANHÃ		TARDE		MANHÃ		TARDE	
		Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura
24	QUI.	05.03	3.2	17.21	3.2	11.09	.8	23.21	.9
25	SEX.	05.35	3.2	17.55	3.0	11.43	.9	23.55	1.0
26	SAB.	06.11	3.0	18.36	2.9	-	-	12.23	1.0
27	DOM.	06.54	2.9	19.26	2.7	00.34	1.2	13.11	1.2
28	SEG.	07.51	2.8	20.35	2.6	01.25	1.3	14.16	1.4
29	TER.	09.08	2.7	22.06	2.5	02.37	1.5	15.44	1.4
30	QUA.	10.36	2.7	23.29	2.7	04.11	1.5	17.10	1.3

Maré

DIRECTOR Nuno Barbosa

REDACTORES Carlos Humberto Cruz, Carlos Luís Gaio, Elda Ferreira, Elisa Silva, João Limas, José Barrosa, Magda Guedes, Manuela Lima Barrosa, Marta Bigail, Mayra Santos, Patrícia Fernandes, Rafaela Vieira Santos, Sandra Santos

COLONISTAS Alberto F. Camacho, António Moreira da Costa, António Teixeira Lopes, Armando Jacinto, Carlos Moraes Gaio, Carlos Sárria, Carvalho Baptista, Joaquim Júlio, Lilliana Neves, Pedro Morgado de Sousa, Rita Maia Gomes, Rui Zink, Victor Hugo Pinho

PUBLICIDADE Eduardo Dias

ADMINISTRADOR António Gaio

REDACÇÃO E COMPOSIÇÃO Rua 62 n.º 251 - 4500-366 Espinho
Telef. 227331355 - Fax 227331356 - E-mail: mare.viva@neto.pt

PROPRIEDADE E EXECUÇÃO GRÁFICA

NASCENTE - Cooperativa de Acção Cultural, CRL - Rua 62 n.º 251
4500-366 Espinho - Telef. 227331357 / 227331350 - Fax 227331358
N.º de registo de Pessoa Colectiva 500615268

TIRAGEM DESTE NÚMERO 1.500 exemplares

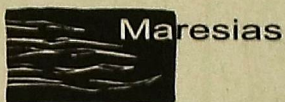
NÚMERO DE REGISTO DO TÍTULO 104499, de 28/06/76

DEPÓSITO LEGAL 2048/83

Membro da



Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores, podendo não reflectir, necessariamente, a opinião do Jornal.



Quem vier atrás...

Uma das características típicas do espírito e da mentalidade portugueses é aquilo a que, mais complicadamente, se pode chamar a política do "quem vier atrás que feche a porta".

Claro que isto é um subtipo mais popular do egoísmo empedrenido, ele também ingrediente essencial do caldo de cultura lusitano. E esse espírito, curiosamente, não funciona só a nível individual, isto é, nas nossas relações pessoais. Ele está tão enraizado na mentalidade lusa que grupos inteiros o assumem, o colectivizam: o governo, as autarquias, as colectividades, todos.

Vejam um exemplo corrente, simples, mas, por si só, elucidativo: não é preciso ser meteorologista, borda-de-água, ou feiticeiro de uma qualquer tribo, para saber que, normalmente, nos princípios do Outono, caem as primeiras grandes chuvas. Normalmente, é assim. Estando de posse dessa evidência quase infalível, nada custaria às entidades responsáveis pelas cidades (que agora até têm um Ministério) tratar, atempada e calmamente, da limpeza de tudo quanto signifique forma de escoar águas pluviais. Não custava nada, não era? Mas, na realidade o que se passa é que muito, muitíssimo poucos fazem isso. Depois, caídas as primeiras bâtegas, é ver as populações de calças arregaçadas, de balde e esfregona na mão, a limpar as suas casas e estabelecimentos de mais uma enchente mais que previsível. Mas lá funcionou o "quem vier atrás, que feche a porta" ou, neste caso, "a comporta".

Isto, evidentemente, para não falarmos do prazo para pagamento de tudo: impostos, contas, tudo. Penso que às entidades cobradoras nem valeria a pena dizer que a data-limite era o dia tal. É perda de tempo. Basta dizer que o pagamento é (só) no dia tal. É que todos sabemos que a esmagadora maioria só vai pagar no último dia, se possível ao fim da tarde. Depois, como é usual, pede-se a prorrogação do prazo. E o mais curioso é que às vezes são atendidos...

"Caídas as primeiras bâtegas, é ver as populações de calças arregaçadas, de balde e esfregona na mão, a limpar as suas casas e estabelecimentos de mais uma enchente mais que previsível. Mas lá funcionou o 'quem vier atrás, que feche a porta' ou, neste caso, 'a comporta'."

Na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira

Companhia dos Livros promove a leitura

A Companhia dos Livros é um projecto que nasceu há pouco mais de um mês na "Laranjeira" e que tem como objectivo fundamental aproximar mais os livros dos alunos.

Este é um projecto que está a ser desenvolvido na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, nomeadamente no espaço (transitório) do polivalente, uma vez que ainda decorrem os trabalhos de construção da nova biblioteca escolar.

UMA MÃO-CHEIA DE ACTIVIDADES

As linhas de acção da Companhia dos Livros passam, fundamentalmente, por propor actividades que sirvam para mobilizar o interesse dos alunos e de outros sectores da Escola. E essas actividades são muito variadas: concurso "Prazer de ler", através do qual é colocada, todas as semanas, uma questão aos alunos, havendo prémios, como bilhetes de cinema, livros, etc.; "O autor do mês" - mensalmente é convidado um escritor para ir à Escola, havendo, paralelamente, uma explanação da obra (já no próximo dia 28, o escritor convidado é Jacinto Lucas Pires, e o do mês de Novembro será Rui Zink); "Datas e acontecimentos" é mais uma actividade proposta, com a exposição documental dos diversos temas tratados (até agora já decorreram alguns, nomeadamente sobre a Cimeira da Terra, o Dia da Paz, o 5 Outubro, e, esta semana, o tema central será a Biblioteca de Alexandria); pretende-se também que o jornal



Iniciativa será benéfica para a nova biblioteca, diz o prof. António Santos

escolar "Pirata da Imprensa" seja publicado com mais regularidade, até porque já tem uma tradição de vinte anos; "Quarta à Quatro" é uma iniciativa em que alunos e professores podem falar sobre autores, livros e tudo o que se lhes refira.

A DESCOBERTA DOS LIVROS E DAS IDEIAS

Para António Santos, mentor da Companhia dos Livros, este projecto "é a descoberta dos livros e das ideias. É um projecto que pretende aproximar, dos alunos fundamentalmente e também dos professores, o universo dos livros, dos autores e das ideias. Está ligada à Biblioteca da Escola e aparece este ano por circunstâncias várias e uma delas é que estamos numa fase de transição entre a Biblioteca que até aqui funcionou e a nova, que está neste momento em construção e estará pronta dentro de 3 a 4 meses".

E esse parece ser, de facto, um excelente argumento. Ou seja, "este pro-

jecto aparece um bocadinho para também contribuir para que a nova biblioteca seja, de facto, bem aproveitada. Vamos ter uma biblioteca de raiz (a primeira feita em Espinho de raiz, não há memória de haver um edifício para biblioteca de raiz, sempre se tratou de edifícios de empréstimo), daí a sua importância".

UMA NOVA BIBLIOTECA

Além disso, continua António Santos, a nova biblioteca terá "condições de trabalho muito melhores e daí parecer um projecto que procura antecipar a nova biblioteca e criar e desenvolver hábitos ainda maiores de leitura. E perceber também que a luta pelos livros, pela leitura, pelo contacto com as ideias, com os autores, é uma coisa permanente numa escola. Não faz sentido haver escola sem haver esta permanente necessidade de pôr os alunos em contacto com o que se faz".

Por outro lado, aquele docente considera que este projecto nasceu com grande ambição, "se calhar excessiva, mas eu sou daqueles que acha que a ambição não mata ninguém, às vezes o que mata é a inacção".

Como a Companhia dos Livros é um projecto muito recente, enfrenta ainda algumas dificuldades: não há tanto apetite por parte dos alunos para estas coisas,

mas António Santos não desiste e garante que vai lutar por isso. Por outro lado, há dificuldades objectivas, técnicas e materiais, como reciclar constantemente a biblioteca, pois é necessário ter livros novos, actuais, interessantes. Já foram pedidos vários apoios neste sentido, mas as respostas têm sido muito escassas.

A ambição é grande e não fica por aqui: há mais uma ideia que António Santos quer ver concretizada: "Temos uma ambição muito grande em relação à nova biblioteca, queremos propor a entidades locais que a nossa biblioteca se transforme em comunitária, isto é, que a utilização não fique restringida aos alunos, mas que seja usada pela população local. Assim, pretende-se que ela esteja aberta ao fim da tarde e à noite, nalguns dias, de forma a que tenha um horário semanal de abertura e funcionamento para quem estiver interessado. A Escola não pode arcar sozinha com esta ideia, mas estamos a envidar esforços para que outras entidades se associem para que ela possa ir avante."

Dada a importância da literatura, nasceu um projecto fundamental para os alunos, e não só, para que aprendam a gostar de ler com prazer. "Um livro é sempre, de facto, não digo um sedativo para dormir, mas uma companhia fundamental, e na escola ainda mais", diz António Santos. ■ M.G.

Dr. Vitor Hugo

MÉDICO DENTISTA

SAMS - S. QUADROS - C.G.D. - ACASA - P.S.P. - MÉDIS

Rua 19 n.º 342, 1.º - Sala 4 - Telef. 227312770
ESPINHO

Café e Confeitaria

PALMEIRA

O seu novo espaço tranquilo com especialidades em francesinhas, cachorros e cachitos

PÃO QUENTE A TODAS AS HORAS

RUA 22 N.º 285 - TELEF. 227313030 - 4500 ESPINHO



LILIANA NEVES

O Simples Olhar de Eva

A era dos documentários

Aparecem de quando em vez, ou quando alguém se lembra ou quando se comemora alguma coisa. Surgiram com identidade própria na década de 20, mas foi com o britânico John Grierson que ganharam a autonomia já no decorrer dos anos 30, envolvendo no seu enredo os principais problemas sociais e económicos da década. Os problemas da pobreza, do desemprego e das casas degradadas fizeram-nos assumir uma dimensão social. La sortie des ateliers Lumière terá sido o primeiro. Classificado como filme de não-ficção, como a reportagem televisiva com a qual muitas vezes o confundem, é uma antítese do western e do filme de terror. Não tem livro de estilo. Não é obrigatória a existência de texto em off e parte das imagens são recolhidas in loco. Documentários... eles andam por aí...

Robert Flaherty e Dziga Vertov começaram a fazer a história do cinema documental, com Nanook, o Esquimó (1922) e O Homem da Câmara de Filmar (1929), respectivamente. O primeiro retrata a história da luta dos esquimós para sobreviver às mais inimagináveis condições do Ártico; o segundo explora, de uma forma espectacular, a vida de um operador de câmara da União Soviética dos anos 20, e podemos assistir, de certa forma, a um filme sobre outro filme.

Estes são, na realidade, um marco importante na vida do documentá-

rio, que podemos ver, rever ou ficar a conhecer nas noites de domingo da RTP2. E não só. A onda de documentários começou com a comemoração do centésimo aniversário da realizadora preferida de Hitler, Leni Riefenstahl, em finais de Agosto. Actriz, bailarina, realizadora, cineasta e fotógrafa, o seu nome é associado ao Terceiro Reich e à realização de filmes de carácter propagandístico da ideologia nazi. O Triunfo da Vontade é talvez o exemplo mais perfeito. E vê-lo (ou revê-lo) seria interessante.



Pois seria... mas isto para quem não trabalhar na segunda-feira. É que, apesar de o programa do canal 2 da estação pública lembrar as mas-

terclasses e workshops da Odisseia nas Imagens da Porto 2001, a hora a que é exibido é mais que tardia. Os documentários, apresentados pelo jornalista Jorge Campos, são importantes, na medida em que se traduzem numa fonte importante para o historiador e para o telespectador, ao mesmo tempo que são parte do espólio humano do século XX. Mais uma vez perde o telespectador, mais uma vez perde o historiador, mais uma vez... a qualidade da programação é ótima, com a excepção do horário.

De facto, os documentários vão aparecendo, ainda que de certa forma pontual. A verdade é que eles andam por aí, meio camuflados pela hora adiantada a que chegam, mas já cá estão. Pode ser só um bocadinho mais cedo? Fica o pedido. ■



ALBERTO CAMACHO

Produtividade

Registam alguns observadores, não poucos, e divulgam os agentes informativos, quase todos, que o os portugueses ocupam o último lugar da classificação europeia de produtividade, deixando, poucas vezes, atrás de si, os inefáveis gregos.

Frequentes vezes ouvimos conversas que acreditam esta ideia e até a exaltam não como um acto patriótico mas talvez como causa e consequência da nossa latiniidade exarcebada onde o verbo "desenrascar", tal como a prática o consagra, assume contornos de imaginação prodigiosa e capacidade inventiva, capazes de nos fazerem sair por cima da tal baixa produtividade.

Sabemos que a nossa emigração europeia, principalmente esta mas não só ela, é elogiada pelos responsáveis de outras terras. Pela sua capacidade produtiva, pelo apego às tarefas exigidas, pela dedicação à camisola que cada um serve, até pela pontualidade, pasme-se, e pela determinação na aprendizagem.

Esta opinião desprovida, naturalmente, das clássicas "cunhas" que ornamentam a cena nacional, modifica categoricamente o conceito de "malandragem" que entre nós se estabeleceu - "ninguém quer trabalhar" - e vem colocar na ordem do dia a necessidade de se saber se a tão falada e provada baixa produtividade é devida aos que produzem ou àqueles a quem cabe gerir a própria produtividade, outrora conhecidos pelo nome de "patrões" e hoje, pomposamente, ditos "gestores".

Existe entre nós uma contradição absoluta entre o conhecido "faz que faz" nos locais de trabalho e a inexplicável velocidade com que todos os portugueses se dirigem diariamente para os locais de trabalho. Percorro um longo espaço entre a minha casa e o local onde trabalho e, todos os dias, dou comigo perante militantes de

rális, autênticos artistas de circo ao volante de ligeiros, pesados, motos e até motinhas. A pressa que se observa nestes esforçados homens de trabalho, ávidos de alcançarem os seus postos, faria supor uma outra produtividade, adivinharia uma devotada ligação à actividade profissional. Porém, quando chegamos ao local destinado às ocupações diárias, defrontamos o jornal desportivo, o pequeno-almoço ainda não tomado, o cafézinho sem ele não consigo começar o dia, a intriga que ficou de véspera, aquele penalty que o filho da mãe do árbitro não assinalou, a intervenção demagógica do deputado do outro partido - vivem à nossa custa -, tudo em nome do trabalho. Com tanta energia dispendida logo no início da manhã, é perfeitamente natural que muitos de nós se sintam esgotados quando, enfim, chega a hora de começar a trabalhar.

E então lá vem ao de cima a eterna questão da produtividade nacional, ou melhor, da falta dela. Não tenho qualquer remédio mágico para esta doença crónica e não creio, como alguns para aí dizem, que sejam os tais "genéricos baratíssimos" e iguais aos outros medicamentos de investigação, que venham resolver esta situação...

Creio também que não serão os anteprojectos laborais saídos da maternidade laranja que irão contornar definitivamente este complexo problema da produtividade.

Não tendo na manga, como afirmei, a solução para o delicado problema, tenho, enquanto português no pleno gozo de todos os meus direitos civis e políticos, pelo menos o direito de exprimir uma sensação que poderá ajudar... e se mudássemos a mentalidade dos nossos gestores tradicionais, humanizando-os e lembrando-lhes que a vida é feita de pessoas, com pessoas e para as pessoas e nunca, nunca, contra elas? ■

"Falta saber se a tão falada e provada baixa produtividade é devida aos que produzem ou àqueles a quem cabe gerir a própria produtividade, outrora conhecidos pelo nome de 'patrões' e hoje, pomposamente, ditos 'gestores'."



ESCOLAS DE CONDUÇÃO

Espinho

Rua da Ponte de Anta (EN 109) N.º 190
Edif. Monte Lírio - Telef. 22 732 4263

Santa Maria

Rua do Alecrim, 360 - VERGADA - MOZELOS
Telef.: 22 764 2968

S.M. Arrifana

Av.º 5 de Outubro, 257 (Largo da Igreja)
Telef.: 256 824 166 - ARRIFANA

Todas as categorias de cartas. Veículo especialmente adaptado para deficientes.
A única Empresa em toda a zona norte do distrito de Aveiro com Autocarro aprovado para instrução e exames.

Milton Pinho
Glória Rodrigues
- SOLICITADORES -
Gabinete de Contabilidade
Rua 28 n.º 583 - R/C
Telef. 227340584 - ESPINHO

CAFÉ • SNACK-BAR
COSTA VERDE
Nova gerência de: Manuel Joaquim Gomes Bastos
Tomar um bom café e petiscar na
Av.º 8 n.º 1428 • 4500-207 ESPINHO • Tel. 227 345 038

A propósito do seu livro e de outras histórias animadas...

António Gaio na primeira pessoa

Cinco meses após o lançamento da edição em inglês do seu livro "A História do Cinema Português de Animação - Contributos" e a poucos dias da próxima edição do Cinanima, António Gaio, director do festival, faz um balanço destes últimos tempos, fala-nos de objectivos, crítica, cinema, carreira e muito mais.

Maré Viva: "A História do Cinema Português de Animação - Contributos". Porquê "contributos"?

AG: Sobretudo porque dou um carácter ao meu trabalho de recolha de material, para que no futuro alguém com horizontes mais largos que os meus e com mais capacidade, até, possa fazer um trabalho sobre o cinema de animação. Portanto, contributos são elementos que eu recolhi e que estão expostos no livro para não se perderem e para poderem servir de estudo a alguém que queira de facto fazer uma história mais desenvolvida, com outras implicações com a realidade social do tempo.

MV: O material exposto no livro foi recolhido ao longo destes anos que tem acompanhado o Cinanima, ou fez também outras pesquisas?

AG: Fiz algumas pesquisas mas a maior parte advém do espólio do Cinanima. Procurei nas fontes possíveis através de elementos consultados na Cinemateca Portuguesa, sobretudo daquele período dos primeiros tempos do cinema português.

MV: Com que finalidade se lê este livro?

AG: Penso que tem interesse saber-se da evolução do que foi, do que se fez em cinema de animação, para se compreender melhor o presente dessa arte. Por acaso, o presente é bastante melindroso para os realizadores de cinema de animação português; atravessa-se um período mau, de baixa, mas, de qualquer modo, julgo que este período será de

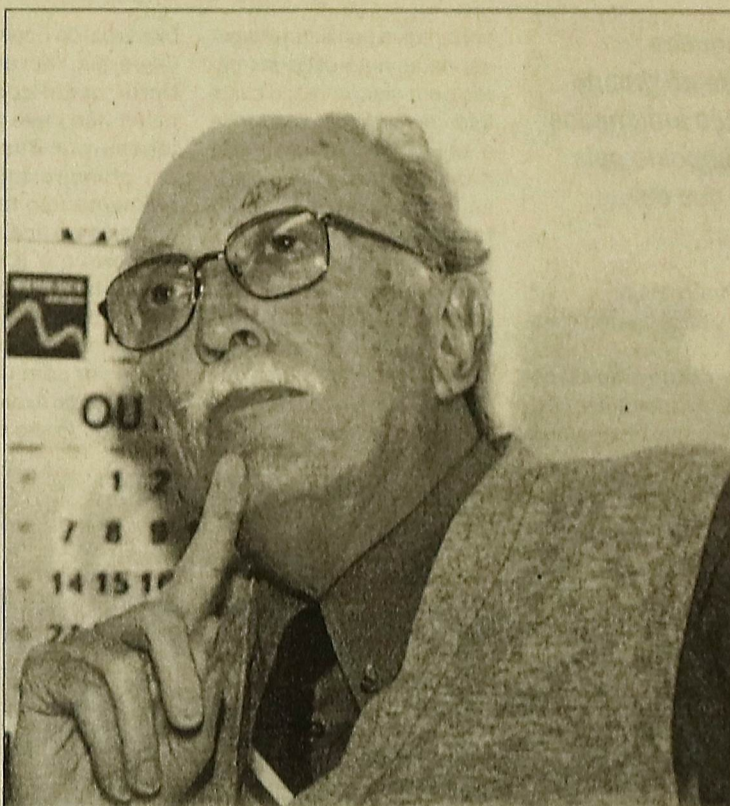
transição e, portanto, no futuro, quando as coisas estiverem num plano mais positivo para o cinema de animação, os elementos que estão nesta história serão úteis para compreender a evolução e para ver até que ponto houve, de facto, uma linha própria portuguesa nesta arte.

MV: Quanto ao leitor deste livro, ele será um conhecedor de cinema de animação, ou qualquer pessoa pode lê-lo e compreendê-lo?

AG: Qualquer pessoa, por simples curiosidade, pode pegar à vontade no livro porque, primeiro, ele está escrito numa linguagem o mais simples possível; segundo, e dentro de uma determinada linha de progressão dos anos, procurei ilustrá-lo com o maior número de imagens - é um cinema feito de imagens e por isso é lógico que a melhor compreensão do livro seja feita através das imagens. Para mim, um dos méritos do livro está precisamente na arte gráfica, que atinge um nível razoável, mas mais por qualidade da minha colaboradora Elisa Costa, que tratou da paginação.

MV: O livro está dividido em duas partes, uma mais histórica e outra de dicionário, enumerando realizadores, animadores... porquê essa disposição?

AG: Para facilitar a leitura da progressão do cinema animado português, resolvi "empurrar" para um dicionário final, de autores, que facilita até a consulta por ordem alfabética e cujo material, se fosse disperso dentro do livro, na evolução do cinema, tornaria a leitura pesada. Assim, temos duas



"O livro é o resultado do meu apego às coisas do cinema"

facilidades: uma na leitura, outra na consulta e no contacto com realizadores.

MV: Já são 22 anos como director do Cinanima mas acompanha o festival desde a primeira edição...

AG: Sim, em 1977. Acompanhei a primeira edição como director da Nascente. Depois houve a desistência da comissão inicial em 1980 e, em 1981, cá estava eu, com outros colaboradores a procurar manter erguida a boa intenção acerca do cinema de animação português.

MV: Considera que o lançamento deste livro e a aceitação que ele está a ter é o ponto alto da sua carreira?

AG: Eu não valorizo demasiado a minha carreira e o meu trabalho, o livro é o resultado do meu apego, da minha dedicação, sobretudo às coisas do cinema. Por trás desta minha ligação com o Cinanima está o meu grande amor ao cinema, sempre gostei de cinema, desde miúdo que comecei a ver cinema de animação.

Antigamente, nas sessões de cinema, antes do filme, havia sempre documentários, que apresentavam um filme de animação e foi aí que eu tomei contacto com desenhos animados, sobretudo americanos.

Através de um interesse por cinema e da minha actividade de cineclubista, encontrei um cinema de animação diferente daquele que tinha visto e, portanto, aí merecia a abertura das portas doutras cinematografias, sobretudo a nível europeu. Os países de Leste tinham uma boa produção de cinema de animação. Estes têm uma intenção bastante diferente da maioria dos casos do cinema americano. Enquanto que o cine-

ma americano vivia muito pela imagem, pelo cómico, no cinema europeu, nos outros cinemas, fui encontrar uma mensagem, um cinema menos violento, que nos falava de outros mundos para o homem.

MV: O livro foi lançado o ano passado e tem tido uma crítica bastante positiva, nomeadamente pelo historiador e crítico italiano Giannalberto Bendazzi.

AG: Para mim, o livro tem defeitos. Se fosse agora, tratá-lo-ia de outro modo, apesar de a sequência não poder ser muito diferente. O livro, por erro meu, foi feito um pouco à pressa, pois, como foi financiado pela Porto 2001, tinha que ser apresentado antes do fim do ano. Talvez agora me debruçasse mais sobre determinados aspectos, em determinadas facetas da obra, neste ou naquele realizador. Acredito que, com mais tempo, teria feito melhor mas, de qualquer modo, ele aí está e a minha preocupação era nunca esquecer a modéstia, a humildade e a intenção de fornecer elementos para futuros trabalhos, de abrir portas a historiadores interessados que possam tirar proveito da recolha que eu fiz.

Quanto à crítica do Bendazzi, só há uma coisa com que eu não concordo: quando ele diz que eu devo ter sido o homem que mais cinema de animação português viu. Há mais! Todos os meus colegas da comissão organizadora do Cinanima, sobretudo aqueles que acompanham o trabalho do júri de selecção, forçosamente viram mais cinema de animação do que eu, embora o Bendazzi acente a faceta nacional, de filmes portugueses. Eu vi bastante cinema, mas penso que a expressão dele é exagerada. A crítica que ele

fez também contribui para os pedidos de compra do livro que têm vindo do estrangeiro.

MV: A edição em inglês foi-lhe pedida?

AG: Sim, foi-me pedida pelos contactos que o Cinanima tem, muitos realizadores estrangeiros disseram que o livro tinha bastante interesse mas, lá fora, quem quiser conhecer o cinema de animação português não vai aprender a língua para ler o livro. Logo, teria bastante interesse uma edição em língua estrangeira.

CINANIMA 2002

MV: A próxima edição do cinanima é já de 4 a 10 de Novembro. O que é que nos espera este ano?

AG: Por acaso, como eu digo até no texto que fiz para o catálogo do festival, a colheita do ano, em paridade com a colheita do vinho, foi muito boa.

Apareceram bastantes filmes e bons. Há também muitos filmes de média metragem e de grande qualidade, ao ponto de ficar pensativo por ficarem algumas obras fora da competição. O festival tem uma determinada duração e o júri internacional não pode ser sobrecarregado. Alguns desses filmes vão ser exibidos fora de competição, nas sessões panorama. A nível nacional, há bastantes filmes que são primeiras obras e que não entram na competição mas que serão mostrados numa sessão especial, pois não podemos esquecer o entusiasmo que é posto numa obra, o trabalho que dá fazer o filme, a generosidade que se investe. Se os filmes não fossem mostrados, a frustração de quem os realiza seria enorme e, como o Cinanima tem, desde sempre, uma preocupação muito forte com o cinema português, teremos igualmente várias actividades paralelas: exposições, uma homenagem a uma grande figura da animação, Nicole Salomon, premiada recentemente no Canadá com o prémio Norman McLaren, a atribuição do prémio de carreira "António Maria", ao realizador Mário Neves, um dos pioneiros do cinema de animação português. Para além disso, o Cinanima presta homenagem a um atelier de cinema de animação, o CITEN, da Fundação Calouste Gulbenkian, uma escola importante de formação de novos praticantes e realizadores, através de uma exposição patente na galeria do novo edifício da Junta de Freguesia de Espinho. No auditório desse edifício serão exibidas duas retrospectivas, uma de filmes nacionais e outra de filmes brasileiros.

Há também o Prémio Jovem Cineasta Português, que tem funcionado como uma fonte de apoio às primeiras experiências e à iniciação de novos realizadores portugueses. ■ S.S.

BRINDES PUBLICITÁRIOS DE ESPINHO

Simbolo@clix.pt

SÍMBOLO
Adriano Jorge Gonçalves

VINIL ADHESIVO IMPRESSÕES

BRINDES PUBLICITÁRIOS

ARTIGOS EM PELE
AUTOCOLANTES
BONÉS
ESFEROGRÁFICAS
FATOS DE TRABALHO
GUARDA CHUVAS
ISQUEIROS
PORTA CHAVES
T-SHIRTS
ETC...

TAMPOGRAFIA
SERIGRAFIA
TEXTIL QUENTE E FRIO
PANTOGRAFIA
LASER

DECORAÇÃO DE MONTRAS
E VIATURAS
PAINÉIS
SINALÉTICA

Publicidade que até mete impressão

TEL: 227 312 506 FAX: 227 318 954
RUA 26, 942 - 4500.284 ESPINHO

Polémica em torno das portagens da A1

Toda a gente contra

Apesar de o nó de acesso de Nogueira da Regedoura à A1 constituir obra de grande importância, os espinhenses estão indignados com o pagamento de portagem imposto pela BRISA, em direcção ao Norte, já que de momento não existem alternativas.

Já é possível aceder à A1 através do nó de Nogueira da Regedoura em direcção a Santa Maria da Feira. A abertura destes novos acessos são medidas importantes na melhoria das acessibilidades e das condições de tráfego para as populações servidas por esta infra-estrutura. Permite a ligação do IC24, entre Espinho e Picoto, à A1 - Auto-Estrada do Norte. Por enquanto, só é possível sair e entrar em direcção a St.ª M.ª da Feira. No sentido contrário, em direcção ao Porto, os acessos deverão estar concluídos até ao final do ano.

OS ARGUMENTOS DA BRISA

Contactada pelo "MV", a BRISA declarou que, entre Nogueira da Regedoura e Grijó, a quantia dos títulos de portagens prevista para os veículos de 1.ª classe será de 45 cêntimos, enquanto que para os de 2.ª classe o preço está estipulado nos 90 cêntimos. Os veículos de 3.ª classe deverão pagar 1.15 euros e os de 4.ª classe pagarão, em princípio, 1.30 euros. Em direcção à Feira, o pagamento está fixado nos 0.60, 1.05, 1.35 e 1.50 euros

para os veículos de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, respectivamente.

Num documento disponibilizado na Internet, a BRISA declara que o pagamen-

portantes a considerar: apesar de as auto-estradas parecerem mais caras, o custo total destes projectos tende a ser inferior. A construção de auto-estradas (financiada em grande parte com receitas de portagens) é bem mais rápida do que a de estradas pagas apenas com impostos. A razão é evidente: no caso das primeiras, desde o início das obras que se pode contar com a totalidade do capital necessário."

Municipal de Espinho (CME), refere que, "em direcção ao Norte, quem quer circular na A1 não deve pagar portagens por duas razões: em primeiro lugar, neste momento não temos condições para aceder ao Porto, porque o IC1 está em obras há muitos anos e vão continuar por muitos meses; a segunda questão tem a ver com uma reivindicação da Área Metropolitana do Porto de há vári-

José Luís Peralta denuncia que o problema reside no actual governo, que "inventou estas portagens", e que de momento "não se pode tomar uma posição, já que as portagens não existem e, como tal, temos que aguardar".

Como a concessão da obra é da responsabilidade da BRISA, este é um assunto em que Câmara de Espinho não tem intervenção directa, sendo difícil, desta forma, um acordo que favoreça as duas entidades. José Luís Peralta afirma que uma solução a apresentar passa por "um contrato entre a BRISA, no qual seriam totalizados o número de automóveis que usavam este troço, ou um pagamento por tempo de utilização".

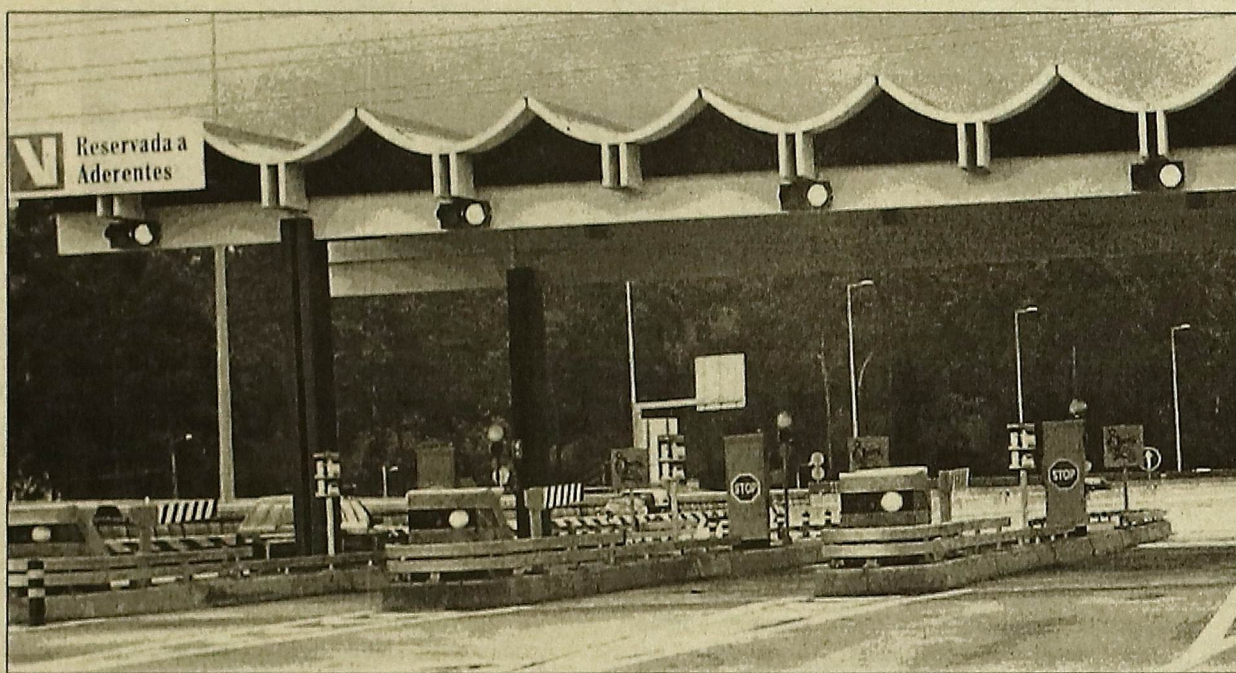
Este não é um caso inédito, já que, no troço entre

gens: "Não me repugna pagar a portagem da auto-estrada desde que o IC1 esteja concluído."

Outra posição tem o vogal da CDU no plenário espinhense, Jorge Carvalho: "Não tem sentido nenhum que se obrigue a pagar portagens para chegar a Nogueira da Regedoura ou a Grijó." Jorge Carvalho afirma que sempre lhe foi informado que "a circulação dentro da AMP seria isenta de portagens". O vogal da CDU mostra-se indignado porque, "incompreensivelmente, vemos o governo a querer receber por todo o lado. Vemos as pessoas obrigadas a pagar portagens, o que só dificulta a circulação, porque é necessário parar e pagar quando não há qualquer justificação. Esta deve ser uma portagem livre e perpétua, pois não se justifica pagar 45 cêntimos entre Grijó e Nogueira da Regedoura. Mesmo depois da IC1 estar concluída, a circulação deve ser livre, tal como se processa agora em Grijó".

Quanto ao CDS/PP, o vogal da AM Elpídeo Sousa refere que o seu partido "está um pouco desencantado com esta situação, na medida em que pagar 45 cêntimos no nó de acesso até aos Carvalhos parece um pouco penoso". Concordando com PS e PSD, também o CDS/PP entende que, "até que o IC1 tenha as duas vias de circulação em plenas funções e nos dois sentidos, um pagamento na A1 parece um pouco lesivo e penalizante para todos os habitantes de Espinho". O vogal afirma que "todos os partidos representados na Assembleia deveriam lutar para impedir o pagamento de 45 cêntimos até à data de conclusão dos trabalhos do IC1". Elpídeo Sousa avisa que, depois de estarem concluídas as obras no IC1, "quem pretender andar mais rápido e chegar mais depressa ao Porto, tem de entrar no nó de acesso da A1 para Grijó e, como tal, isso terá um custo. Aqueles que não têm possibilidade de pagar esse custo têm a opção de circular pelo IC1, portanto, o nó que liga Espinho ao acesso à auto-estrada em Vila Nova de Gaia".

Por forma a resolver este problema, na penúltima reunião da Assembleia Municipal, realizada a 11 de Outubro, ficou aprovado por unanimidade "apelar às entidades competentes no sentido de suspender de imediato o pagamento desta portagem, até à conclusão das obras no IC1, sem prejuízo de se vir a encontrar, no futuro, uma solução que permita abolir em definitivo a portagem correspondente ao sublanço entre o nó do IC24 e os Carvalhos (Gaia)". ■ P.F.



Câmara e oposição estão contra o pagamento de portagem. BRISA considera que, em geral, o pagamento "é lógico"

to das portagens tem lógica porque "nenhuma estrada é gratuita. Directa ou indirectamente, os encargos são suportados pelos cidadãos. Contudo, há diferenças im-

E o texto continua assim: "Desta forma, é possível fazer uma gestão equilibrada dos fundos disponíveis. O resultado está à vista - novas vias de comunicação, melhor construídas, com elevados níveis de segurança, com programas de manutenção permanentes e diversos serviços de assistência em viagem. Assim, pagar portagens equivale, em termos práticos, a construir novas auto-estradas. Em última análise, ao optarem pelo conforto, comodidade e pela qualidade que as auto-estradas oferecem, os utentes estão a intervir de forma activa no financiamento das auto-estradas presentes e futuras. Assim, pagar portagens equivale, em termos práticos, a construir novas auto-estradas."

CÂMARA ESTÁ CONTRA...

Apesar de serem obras de grande importância, os espinhenses estão indignados com o pagamento de portagem imposto pela BRISA, em direcção ao Norte, já que de momento não existem outras alternativas de acesso. Rolando de Sousa, vice-presidente da Câmara

dos anos em que as portagens entre municípios não devem existir."

Para que o pagamento não vá avante, Rolando de Sousa entende que é necessário "fazer chegar ao governo o nosso protesto de acharmos que não devemos pagar portagens nos acessos apontados". Quanto a Santa Maria da Feira, o vice-presidente da CME afirma que "não temos razões objectivas para que não se paguem porque; podemos aceder pela IC1 para Santa Maria da Feira, que é uma boa estrada".

De acordo com esta posição está o também socialista José Luís Peralta, vogal da Assembleia Municipal de Espinho: "Há muitas portagens, chamadas portagens virtuais, em que o governo e o Estado têm de encontrar formas de pagamento às concessionárias dessas portagens de forma a compensá-los pela obra construída. Do mesmo ponto de vista, a CME não tem que se pronunciar nessa questão e tem de partir do princípio de que não vai haver portagens, nomeadamente na parte norte da auto-estrada."

Ermesinde e Porto, não são cobradas quaisquer taxas de circulação, graças a um acordo assinado entre as entidades competentes.

...E OPOSIÇÃO TAMBÉM

Quanto a esta situação, Pinto Moreira, vogal do PSD na Assembleia Municipal de Espinho, refere que também "quem vem de Valongo e da Maia, portanto dentro da AMP, têm de pagar as portagens". Por isso, o seu partido é "totalmente contra o pagamento das portagens no troço de Nogueira da Regedoura e os Carvalhos enquanto não estiver concluída a via alternativa, ou seja, o IC1. Não podemos utilizar o IC1 com todas as condições de segurança e de tempo, pois demora-se cerca de 45 minutos para percorrer uma distância mínima entre Valadares e Francelos. A alternativa que temos credível, com segurança e com alguma solidez, é fazer o percurso pela A1 e depois descer o IC24". Quando estiverem concluídas esta alternativa e a reformulação do IC1, o vogal do PSD é favorável à cobrança de portagens.

A opinião dos cidadãos

Anibal Costa

"Não concordo com os 45 cêntimos. A passagem devia ficar livre. As pessoas deviam poder entrar e sair sem pagar."

André Valente

"Acho que, numa altura em que anda tudo em obras, principalmente no IC1 e na estrada principal dos Carvalhos, não se devia pagar. Apesar de haver bons acessos, penso que a A1 afecta muita gente de Espinho e Esmoriz e que o pagamento é um pouco exagerado. Parece-me que até à Feira é razoável, mas depois da Feira é um bocadinho exagerado porque não há alternativas. Mesmo depois das obras é um caso a discutir, mas sei que seria um caso polémico."

José Pereira

"Acho que é mau devido a estar perto do Porto e termos poucos acessos. Vai dificultar a vida aos espinhenses. Não concordo em pagar 45 cêntimos para utilizar esta estrada e vou tentar ir por outro acesso."

Manuel Ferreira

"Pensei que fossem de graça, porque nós pertencemos à AMP. Praticamente pertencemos ao Porto. Se formos ao Porto por Matosinhos não pagamos nada e é um raio de 12Kms..."

Maré-Rua

Acha que Manuel José é uma boa escolha para Seleccionador Nacional de Futebol?

JOEL SILVA

22 anos, empresário hoteleiro

Não. O seleccionador deve ser uma pessoa idónea, íntegra e, acima de tudo, deve reunir o consenso de todos aqueles que tenham responsabilidade no plano nacional desportivo. Na minha opinião, essa escolha passa pela continuidade... ■

ANDREIA CARNEIRO

21 anos, estudante universitária

Sinceramente, não acho que seja a melhor escolha. E a maneira como tudo está a acontecer não me parece de todo transparente... Lamento que, mais uma vez, caso esta opção se torne realidade, se faça uma opção incorrecta. ■

SÉRGIO PIRES

20 anos, estudante universitário

Apesar das jogadas de bastidores e da não concordância de alguns jogadores com a sua possível escolha, penso que o Manuel José tem uma personalidade bem vincada, percebe bastante de futebol e tem um currículo que fala por si. Desse modo, tanto a manutenção do actual seleccionador como a escolha de Manuel José são opções do meu agrado. ■

M.ª AMÉLIA PINTO

60 anos, funcionária pública

Penso que não. Será possível uma pessoa ter passado por tantos clubes e ter sido corrido? Irá dar estabilidade à Selecção Nacional, que tanto dela necessita para que não façamos figuras tristes? ■

GIL NUNES

21 anos, jornalista

Não. Ao contrário da maior parte das pessoas, acho que Agostinho Oliveira é um excelente treinador e há que dar tempo para que ele planeie o seu trabalho. É bom lembrar que o Humberto Coelho, no seu primeiro jogo, perdeu 3-0 com a Inglaterra e depois teve um grande sucesso. ■

VICTOR FERREIRA

22 anos, estudante universitário

Não. Julgo que o verdadeiro problema da Selecção Nacional não passa pelo treinador, mas sim pela falta de uma reestruturação interna a nível organizacional. Só após esta reorganização e uma nas ideologias da Selecção é que poderia surgir a questão do Seleccionador. Deve apostar-se em Agostinho Oliveira. ■

depoimentos recolhidos por E.F.



ANDRÉ RAMOS, 21 ANOS

"O SUCESSO DE UM PAÍS DEPENDE DA POLÍTICA"

Vir um dia a ser tratado por "Sr. Ministro" ou "Sr. Presidente" é um dos sonhos do nosso sub-30 desta semana. André Ramos é, desde criança, um apaixonado, praticamente que a tempo inteiro, da política. "Não há nada que não me interesse nesta área. Mesmo os caprichos, as esquisitices e as discussões de alguns políticos despertam a minha atenção, quanto mais não seja para me divertir."

Na realidade, para além de praticamente todo o seu tempo livre "andar" em torno deste tema, André Ramos também pensa que, de uma forma ou de outra, o seu futuro profissional também terá que estar ligado à política. "Esta área é, na verdade, muito importante porque dela dependemos todos nós. Ao fim e ao cabo, é da forma como a política é exercida que depende o sucesso de um país e, consequentemente, de todos os seus habitantes."

Aquando desta entrevista, André mostrou-nos toda a sua colecção dedicada a este tema, que é composta por imensos artigos nas suas mais variadas formas. Desde fotos, a recortes de jornais e revistas, a livros, a medalhas, a estatuetas e tantos outros exemplares, alguns deles únicos, de al-

guns eventos em que participou ou esteve presente... de tudo podemos encontrar. "Algumas destas coisas que guardo são para mais tarde recordar, outras para estudar, no sentido de me manter cada vez mais informado acerca desta área, e outras coleciono pensando que um dia mais tarde, se exercer uma actividade ligada à política, talvez venha a precisar delas." Isto porque, na opinião do nosso entrevistado, um futuro presidente, deputado, ministro, tem que ser uma pessoa com uma excelente formação e bastante actualizado relativamente a tudo o que envolve a sua função.

Por outro lado, "é fundamental a experiência e esta só se adquire quando se começa por baixo, ou seja, quando começamos como meros interessados e aos pouco e pouco vamos subindo. Por exemplo, de presidente de Junta de Freguesia a presidente de uma Câmara Municipal e por aí adiante". André Ramos é da opinião que, assim, o conhecimento que se possui quando se chega "lá cima" (denominação que dá à Assembleia da República) é suficientemente alargado para que se consiga dominar e concretizar as maté-

as que realmente interessam aos cidadãos. Aliás, é isto que André considera que falta nos nossos políticos, ou seja, medidas que acompanhem de perto a evolução do bem-estar dos portugueses. "A teoria obviamente que tem a sua quota de importância, até porque é graças a ela que conseguimos visionar de uma forma conjunta o problema ou a situação em questão e que conseguimos deslindar os porquês, as consequências e as soluções. No entanto, o fundamental nos dias de hoje é a prática."

Mas, reforça o nosso entrevistado, uma prática rápida e acessível que não tenha muitos rodeios e que vá directa à questão é que é importante. "E, nos nossos dias, as soluções de que todos nós necessitamos centram-se cada vez mais num nível básico. Ou seja, tudo se resume a boas condições habitacionais, a agradáveis centros de lazer e a focos desenvolvidos e eficazes em termos de educação. Ora, tal é mais básico em termos de resolução do que aquilo que a maior parte da nossa classe política pensa. E, se não houver tanta demagogia nem burocracia pelo meio, tanto melhor." ■ M.S.



Memórias

O 'MARÉ VIVA' HÁ 20 ANOS

Uma Câmara com dois presidentes,
a feira cada vez mais cara
e para que serve o desporto escolar

A edição de há 20 anos do "MV" debruçava-se sobre as eleições autárquicas: "No próximo domingo, os eleitores do concelho de Espinho irão, mais uma vez, pronunciar-se sobre quem dirigirá os seus destinos nos próximos três anos. A escolha é importante e exigirá de todos o máximo de responsabilidade, para que Espinho possa encontrar os meios de que carece para o seu desenvolvimento e para a solução dos seus problemas. (...) No que respeita à eleição para a Câmara Municipal, como alguém disse, vamos ter dois presidentes. É que tanto o PS/UEDS como o PSD afirmam que vão ganhar a presidência. O PSD estriba-se no que diz ser o prestígio ganho por José Fonseca no desempenho das suas funções, no mandato que ora termina, e também na falta de capacidade de diálogo que, segundo afirmam, caracteriza o candidato do PS/UEDS. Estes, por seu turno, consideram como certa a vitória de Artur Bártolo, que apresentam como homem prestigiado nos meios da terra, capaz de bater com facilidade um José Fonseca desgastado pelo poder e com uma actuação muito apagada à frente dos destinos do concelho. A APU apresenta-se também optimista, afirmando ser muito possível (mais do que o que se julga) a eleição do seu segundo vereador. Quando ao CDS, é uma incógnita total. Ninguém sabe onde estão, o que fazem, o que esperam obter. Todos são unânimes em considerar que, mesmo assim, o CDS, surgido do nada, tem feito notar a sua presença. Apresentando-se a todos os órgãos autárquicos, o CDS fez das fraquezas forças e lá se vai movimentando nas águas dos seus ex-parceiros da AD."

No ano de 1982, tal como hoje, era patente um acréscimo dos preços dos produtos e, nem mesmo recorrendo à feira, se conseguia algumas vantagens:

"A feira semanal é um hábito a que poucos dão atenção. A população assimilou bem as enchentes e o girar atarefado das muitas centenas de visitantes que Espinho conhece à segunda-feira. Só que a dona de casa, que geralmente faz as suas compras, ainda não acelta tão facilmente a rotina de cada vez mais dinheiro largar nas suas aquisições semanais. Foi o que presenciámos e registámos na lamentação recíproca de uma compradora e vendedora: 'Está tudo tão caro! A gente, de semana para semana, larga mais dinheiro.' Diz quem vende: 'Pois é, minha senhora, nós também compramos tudo mais caro, que quer que lhe faça...' E a conversa foi-se alastrando com razões daqui e acolá. Os preços, esses é que nunca param de subir."

O desporto escolar esteve na mira do debate do "MV", que dedicou algumas páginas a dar conta dessa situação: "(...) Conviria reflectir um pouco sobre a função do Desporto Escolar e em que medidas ele estará estruturado para desempenhar um papel activo na formação desportiva dos jovens. Não fazendo efectivamente parte dos seus objectivos imediatos, não poderá, no entanto, o Desporto Escolar desempenhar um papel importante para o trabalho a desenvolver pelos clubes, onde estes possam encontrar uma fonte de recrutamento de jovens? (...) Os clubes, num esforço enorme ao serviço da actividade desportiva, estão efectivamente vocacionados para as escolas de competição. Há, no entanto, alguns que se preocupam com actividades de formação de base onde a educação física tem primordial importância. Estes serão, no contexto nacional, uma minoria que vai fazendo os impossíveis para alargar em todas as direcções a sua política de intervenção no apoio ao desenvolvimento desportivo." ■ R.V.S.

Medicamentos genéricos também já se vendem em Espinho

O adeus às... marcas?

Os medicamentos genéricos já chegaram a Portugal, isto depois de terem sido "adoptados" noutros países. Segundo o INFARMED, os genéricos visam apresentar uma maior garantia de efectividade e permitir um melhor conhecimento do perfil de segurança. O "MV" foi para a rua tentar saber a opinião de farmacêuticos, médicos e utentes. Todos os aceitam bem.

Em Portugal, a qualidade farmacêutica dos medicamentos genéricos é assegurada pelo INFARMED, durante os processos de aprovação e através de actividades de inspecção e de controlo. É desta forma que vai sendo feita a selecção dos medicamentos para se ser aplicado o estatuto de genérico. Nas caixas dos genéricos, encontramos sempre o nome do laboratório fabricante. Uma das questões que se coloca tem a ver com a qualidade/preço destes medicamentos e quais os benefícios para o utente.

Mas, afinal, perguntará o leitor, o que é o genérico? A definição de genérico preenche alguns requisitos, entre os quais o facto de ter de ser similar a um medicamento de referência, isto é, a composição do produto que o médico prescreve é quimicamente igual.

No que diz respeito à venda dos medicamentos nas farmácias, o farmacêutico não pode alterar/substituir o medicamento que foi prescrito pelo médico. No caso de o médico receitar um medicamento de marca, o utente não pode pedir que o farmacêutico lhe venda um genérico equivalente ou correspondente. Mas o que ainda continua a acontecer é que há casos de pessoas que desconfiam dos genéricos, nomeadamente sobre a sua fiabilidade e eficácia no combate à doença ou ao problema de cada utente.

Sabe-se, no entanto, que a única, e senão a principal, razão por que os genéricos foram criados tem a ver com o benefício de um preço mais baixo. Uma coisa é certa: os médicos têm total liberdade para prescrever genéricos; no entanto, não são obrigados a tal. Tudo vai depender do problema que a pessoa tem e de se saber se existe no mercado algum genérico correspondente ao medicamento que é receitado pelo médico. Isto porque ainda estão à venda alguns medicamentos que

não têm o seu correspondente genérico.

NAS FARMÁCIAS

Na Farmácia Santos, em Espinho, o ajudante-técnico Eduardo Gonçalves, 56 anos, diz-nos que "a venda de genéricos tem decorrido da melhor forma possível e até tem aumentado nos últimos tempos. Aqui, tem-se verificado o facto de a maioria dos genéricos que temos vendido serem genéricos com marca". No que diz respeito aos utentes, Eduardo Gonçalves afirma que "as pessoas, em geral, têm aceitado bem os genéricos, salvo um ou outro caso, em que temos que explicar o que é isto...".

Maria Pedrosa, 48 anos, directora-técnica da também espinhense Farmácia Teixeira, sublinha que, cada vez mais, "os médicos estão a prescrever medicamentos genéricos. Isso deve-se ao facto de o próprio doente pedir ao médico que lhe receite um genérico, porque sabe que é muito mais barato. Aqui na farmácia, temos vendido bem os genéricos e até há já alguns que estão esgotados". E, diz-nos, também na "Teixeira" surgiram algumas pessoas a perguntar o que é isso dos genéricos.

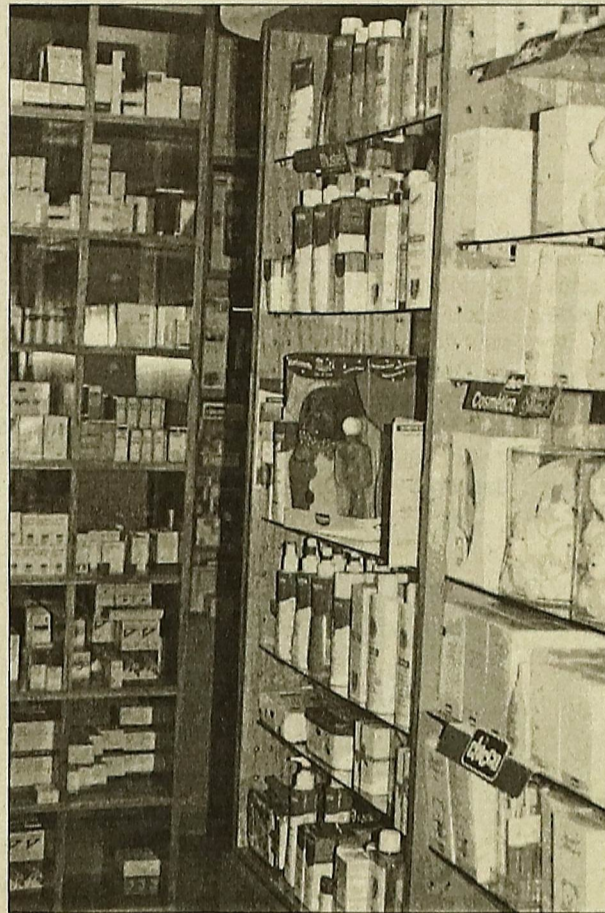
Na Farmácia Higiene, ainda em Espinho, o ajudante de farmácia, Nuno Sousa, 25 anos, diz-nos que o estabelecimento "tem todos os genéricos que estão no mercado" e que está tudo bem encaminhado para que "eles sejam um sucesso". Por outro lado, acrescenta, muitos dos utentes "ainda não aceitam bem os genéricos; por isso, outra das tarefas que temos é a de sensibilizar, informar os utentes".

Na Farmácia Paiva, sempre em Espinho, a farmacêutica Cristina Costa, 32 anos, afirma que os genéricos têm "vendido mui-

to bem e as pessoas têm aderido sem qualquer problema, também devido ao facto de serem mais baratos". Também aqui se verifica o facto de haver muitas pessoas que ainda têm algumas dúvidas sobre os genéricos.

A OPINIÃO DOS MÉDICOS

O médico-ginecologista Alberto Custódio, 61 anos, diz-nos que, "já antes da grande divulgação por parte da comunicação social, eu já receitava genéricos aos meus pacientes; portanto, não é nada de novo para mim". E continua: "Acho que os genéricos são uma boa solução, uma vez que permitem às pessoas terem acesso a um medicamento mais barato obrigatoriamente por lei". Em relação às pessoas e à sua relação com os genéricos, referiu: "No que me diz respeito, e aos meus pacientes, a reacção aos genéricos tem sido muito positiva. As pessoas aceitam bem e têm tendência para, sempre que possível, pedir que lhes seja receitado um medicamento que tenha genérico." Ainda sobre o mesmo assunto, aproveitou para salientar que deveria fazer-se uma divulgação maior, uma vez que, e "infelizmente, ainda há muitas pessoas desconfiadas, isto é, que ainda têm muitas dúvidas acerca dos genéricos, sendo que, para isso, temos que lhes explicar que não há qualquer problema e que o farmacêutico não pode alterar ou substituir aquilo que o médico prescreve". No entanto, esclarece o médico, "pode acontecer o caso de um medicamento ser receitado e, naquela altura, a farmácia não o ter; então, o farmacêutico deve entrar em contacto com o médico, para que este lhe indique outro medicamento em sua substituição".



Medicamentos 'brancos' ganham terreno...

Rogério Ramos, 47 anos, médico de medicina geral e familiar e medicina do trabalho, está de acordo com a introdução dos genéricos em Portugal. No entanto, acha que "os genéricos ainda não são a solução ideal. Para que tudo isto dê totalmente certo, defendo quatro ideias: a participação fixa por parte do Estado, desde que exista genérico activo (extensiva a todos os princípios activos, ou seja, a todos os genéricos); a venda por unidose; a venda de medicamentos só com receita médica (a obrigatoriedade das receitas); e a liberalização das farmácias".

Sobre a reacção que as pessoas têm manifestado relativamente aos genéricos, refere que "têm reagido bem, porque também sabem que, se lhes for receitado um medicamento que tenha genérico, preferem-no logo, uma vez que

sabem que é mais barato. Pode acontecer é o caso de uma ou outra pessoa mais desconfiada e que ainda não sabe muito bem o que é isso dos genéricos. Nesses casos, temos que explicar, aconselhar, é a nossa obrigação".

OS UTENTES

O "MV" decidiu também ir para a rua ouvir a opinião dos utentes. Ana Santos, 39 anos, é da opinião que os genéricos "são uma mais-valia, uma vez que podemos beneficiar pelo facto de ser mais barato, o que vem ajudar, e muito. No meu caso, não tenho qualquer problema com os genéricos, mas sou a favor do genérico com marca".

Para António Silva, 48 anos, "os genéricos são bem-vindos. Agora, defendendo a ideia de que o farmacêutico não deve e não pode alterar aquilo que é prescrito pelo médico,

sem o contactar primeiro. Acho, também, que se devia elucidar mais as pessoas sobre esta questão dos genéricos, pois ainda há muita gente que não está bem esclarecida".

Maria Oliveira, de 55 anos, considera que "devia falar-se mais sobre isto. Há falta de informação e as pessoas, muitas delas, estão um pouco baralhadas, têm muitas dúvidas. No que me diz respeito, estou de acordo com os genéricos, uma vez que vão permitir às pessoas com poucas possibilidades pagarem os medicamentos mais baratos".

José Ferreira, 69 anos, tem algumas dúvidas em relação aos genéricos: "Apesar de confiar no médico, continuo a ter algumas dúvidas em relação aos genéricos. Mas acho que, se realmente se comprovar que é benéfico para nós, é bom, porque a verdade é que custa menos dinheiro, o que é uma ajuda muito grande para quem não o tem...".

Manolo Sousa, 54 anos, é, por seu lado, a favor dos genéricos, desde que "prescritos pelo médico, sem o direito do farmacêutico o poder alterar. Sou a favor do genérico com marca ou, então, a obrigatoriedade de o farmacêutico, dentro dos genéricos, indicar aquele que for mais barato. Isto é, ou o médico prescreve o genérico com marca ou o farmacêutico vende o mais barato".

Eugénia Barros, 50 anos, também é a favor dos genéricos, "desde que o farmacêutico não possa mudar o medicamento que o médico receitou". De resto, aproveita ainda para deixar um apelo: "É preciso fazer um esclarecimento muito sério junto da população, pois há muita gente que não sabe o que é um genérico. Logo, é preciso informar e esclarecer tudo e todos, sem excepção." ■ E.S.

RUI ABRANTES

ADVOGADO

Rua 18.º 582 - 1.º Esq.º
Sala 3 - Telef. 227343811
ESPINHO

Fonseca

TECIDOS MODAS

RUA 19 N.º 275
TEL. 227340413
ESPINHO

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES

ADVOGADOS

ESCRITÓRIOS
Rua Júlio Dinis, 778 - 4.º Dt.º
Telef. 22698704 - 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343 - Tel. 227342964
4500 ESPINHO

ópticaPIRES

Melhor
É Impossível

RUA 14 N.º 725
4500-233 ESPINHO
TEL. 227340296 - FAX 227311663

Mário Castrim: 1920-2002

Uma prosa vibrante e certa

ANTÓNIO GAIO

Sabia que estava doente, internado no hospital, uma pneumonia a ameaçar os seus oitenta e dois anos. Quando me disseram da sua morte, foi como se tivesse levado uma martelada, um soco no estômago. As lágrimas afloraram, mas ficaram cá dentro, a remoer saudades.

Conhecia-o desde o tempo do "Diário de Lisboa", ainda antes do 25 de Abril. Admirava a sua frontalidade, o humor acerado, a prosa vibrante e certa na vigilância da televisão, "máquina" que muito pode enganar, iludindo a realidade.

Naquele tempo, tive discussões com colegas de trabalho, que escondiam o seu reaccionarismo na afirmação de que o crítico tinha a mania de que só ele era o melhor, que só ele é que sabia tudo, apoucando os outros.

Nos primeiros anos após o 25 de Abril, estive em Espinho a convite da Nascente, num dos colóquios que se realizavam então no Salão Nobre da Piscina. Foi colaborador do "Maré Viva" nos anos de 1982 e 1983, com os seus "Pingos de TV", numa afirmação de camaradagem.

Mudaram-se os tempos, mudaram os caminhos da revolução de Abril, mas o homem que "inventou a crítica da TV" manteve-se firme na sua missão e na sua crença e militância por um mundo melhor.

Ele, que confessava ter sido por motivação cristã que escolhera o seu caminho político, afirmou também que "o comunista é aquele que deixou de acreditar na eternidade para acreditar no futuro. O comunista é um cristão para uso quotidiano".

O ELOGIO DA COERÊNCIA

A sua vida e a sua obra são exemplos de coerência, e são razões bem

fortes para a nossa admiração e a nossa homenagem, "pela grandeza do combate contra a passividade a que a televisão convida, a grandeza do combate de uma vida pela língua portuguesa, pela cultura, pela igualdade e pela justiça social". Quem o escreve é Adelino Gomes, na edição de 16 de Outubro do jornal Público, numa crónica que termina dizendo: "Saúdo-o, porque não desistiu. Não desistiu de enfrentar a televisão. Não desistiu das ideias em que acreditava, quan-



D.R.

do uma ligeira mudança lhe teria aberto outras portas mais largas e criado outro público mais vasto. Gostava, pessoalmente, de o ter visto diferente. Mas o Castrim foi isso que foi. E nisso foi inteiro. Mais do que estarmos do lado certo ou do lado errado das ideias, o que fica de essencial de cada um de nós é que aquilo que fizemos com a convicção e a qualidade que o fizemos."

O ESCRITOR

Mas Castrim não se ficou apenas pela crítica televisiva. Tinha um outro

lado, o de escritor e poeta, que se manifestava através da publicação de alguns livros e pela sua colaboração regular no jornal "Avante!". A propósito dessa sua faceta, escreve Adelino Gomes, ainda no mesmo texto: "A sua presença militante de guarda ao ecrã nacional funcionou como poderosa arma de dissuasão de todas as agressões ao bom gosto, de todas as incompetências, de todas as preguiças profissionais (Que o tenha feito sacrificando uma carreira literária que os que melhor o conhecem sabem que amplamente merecia é mais um sacrifício que lhe ficamos a dever.)"

A CENSURA E AS CENSURAS

No seu livro "Televisão e Censura", cuja primeira edição viu a luz do dia pela editora "Campo das Letras" em Março de 1996, Castrim reflectia sobre a existência da censura, ou, melhor dizendo, de outras censuras. "Felizmente não existe hoje a Censura Prévía, quer dizer, aquela Censura que sujeitava os originais à apreciação de uma comissão escolhida pelo governo para esse fim, publicando-se apenas aquilo que a dita comissão autorizasse. Essa, não há. Mas não haverá outras?

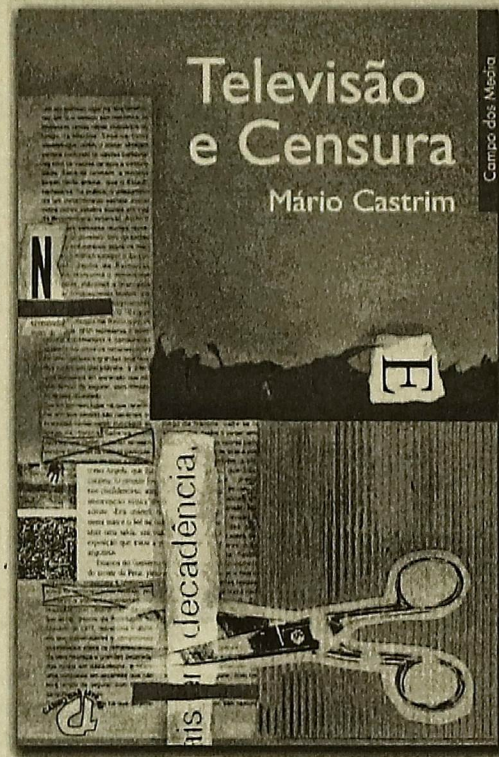
Outras formas de censura? Outras formas de censura... 'prévía'? Outras formas de evitar que determinadas pessoas ou correntes tenham acesso à palavra escrita, falada ou vista, nos grandes meios de comunicação?" E a resposta surgia-lhe assim: "Na realidade, contam-se pelos dedos os jornalistas ou colaboradores com uma visão anti-Poder vigente. O modo que preside ao acto de contratação não será já um acto de censura... prévía? E se um jornal prescinde da colaboração da zona da esquerda com o pretexto da remodelação de espaços ou contenção de despesas, não está a fazer qualquer coisa como uma Censura de guilhotina? E se de uma Agenda não consta sistematicamente a cobertura das acções de uma personagem ou de um partido, não será isso uma forma (muito 'democrática...') de censura?" E, a terminar, deixava no ar uma reflexão: "A luta pela liberdade (pela possibilidade) de expressão não acabou com o 25 de Abril. É tarefa essencial do nosso tempo em que, mais do que nunca, o destino dos povos tanto fica, não digo determinado, mas poderosamente influenciado, pela Informação." ■

LIVRO DE BORDO

"TELEVISÃO E CENSURA"

MÁRIO CASTRIM

Ed. Campo das Letras, 1996



Poucos dias volvidos sobre a morte de Mário Castrim, bom será recomendar aqui a leitura de um dos vários livros que ele escreveu. Recorde-se que Mário Castrim, pseudónimo de Manuel Nunes da Fonseca, nasceu em Ilhavo em 1920. Chegou a ser professor do ensino técnico até 1966, profissão que abandonou para se "entregar" ao saudoso "Diário de Lisboa". Foi ele que, nesse prestigiadíssimo vespertino, criou com Augusto Costa Dias o "Diário de Lisboa Juvenil", considerado uma referência essencial na cultura do nosso país.

A partir de 1965 iniciou a crítica diária de televisão, o "Canal da Crítica", que esteve presente diariamente do "DL" até ao seu fecho. Depois disso, Castrim transitou para o "Tal&Qual", onde desempenhou idêntica tarefa até perto da sua morte.

Para além da crítica televisiva, dedicou-se também à literatura infantil e infanto-juvenil, com vários títulos publicados, entre os quais "O cavalo do lenço amarelo é perigoso".

Nesta obra que o "Livro de Bordo" sugere, "Televisão e Censura", Castrim dá inúmeros exemplos dos incontáveis cortes do lápis azul a que foram sujeitos os seus artigos. Mas o livro não se destina apenas a isso. Ele pretendeu, sobretudo, mostrar como muitos dos actuais problemas da televisão (a violência, o enquadramento na sociedade, a sua relação com o poder, a sua capacidade de construir e destruir) fazem parte de um debate que se realiza já há alguns anos.

A leitura de "Televisão e Censura" é, pois, mais do que uma reconfirmação (se preciso fosse) do que era a ditadura "dos coronéis". É um revisitar de factos e situações vividas nos nove anos anteriores ao 25 de Abril, através da pena afiada e muitas vezes "mortífera" de Mário Castrim. ■ N.B.



NASCENTE, 23/04/1977
Mário Castrim (folheando o 'MV')
com António Gaio, Vítor Sousa,
Eugénio Morais e Augusto Mota

NINHO DE AMOR

CAFÉ • SNACK-BAR • CONFEITARIA

VISITE-NOS!!!

RUA 8 N.º 373 - TELEF. 227346742 - 4500 ESPINHO

RAÚL FERREIRA, RESPONSÁVEL PELA FORMAÇÃO DE ANDEBOL NO SP. ESPINHO

"Não estamos obcecados por títulos"

Após seis anos de interrupção, a secção de andebol do Sp. Espinho reabriu as portas na temporada passada com a equipa sénior e as equipas de formação dos escalões de infantis e iniciados.

Esta época, o projecto traçado é da responsabilidade de jovens creíveis e continua de vento em popa, sendo que algumas transformações foram feitas na equipa sénior e nos escalões de formação.

O "MV" foi ao encontro de Raúl Ferreira, responsável máximo pela secção de formação do andebol dos "tigres", que começou por fazer um ponto da situação em relação à secção: "Já iniciámos os trabalhos e, à imagem do que afirmávamos na temporada passada, a nossa prioridade está no departamento de formação; daí que, para além da continuação das equipas de infantis e iniciados, tenhamos também

aberto os escalões de minis e de bambies." Quanto a objectivos, "é óbvio que, numa primeira fase, a época passada tínhamos como objectivo dar as primeiras noções da modalidade aos miúdos. Nesta época, queremos algo mais, mas tendo a formação de jogadores que no futuro nos possam ser úteis na equipa sénior. Não estamos obcecados com a conquista de títulos; é lógico que, se surgir a oportunidade de os conquistar, não iremos com certeza desperdiçá-la".

Raúl Ferreira é um amante do andebol, daí que tenha recebido com agrado a notícia de que Espinho será uma das cidades-sede do mundial 2003: "Recebi com muita satisfação essa notícia, é uma competição que colocará em Portugal os melhores executantes da modalidade. Será benéfico para nós, responsáveis pela forma-

ção de atletas, ter junto de nós eventos desta natureza. Os jogadores da formação do Sp. Espinho vão, com certeza, assistir in loco aos encontros que se disputarem na Nave, o que lhes será muito vantajoso - poderão, assim, aprender vendo os melhores jogadores e criarem os seus próprios ídolos."

Esta temporada ainda há bem pouco tempo se iniciou, mas Raúl Ferreira já pensa na próxima, tendo adiantado ao "MV" que a equipa de juvenis será uma realidade para a época 2003/2004: "Para a próxima temporada, e face ao adiantar da idade de muitos dos jogadores que esta época constituem a nossa equipa de iniciados, iremos lançar em competição o escalão de juvenis." Com esta equipa implantada, fica apenas a faltar a de juniores. O responsável pela formação do Sp. Espinho afirma

que essa ainda não irá "nascer": "A equipa de juniores ainda não pode nascer, isto porque não possuímos jogadores para a formar e depois não temos nas imediações do concelho jovens com as noções necessárias de andebol para lançarmos em competição uma equipa de juniores. Ela irá nascer quando os nossos atletas tiverem idade para o escalão, para que possam aí aperfeiçoar alguns aspectos para que depois se verifique o salto dos mesmos para a equipa de séniores."

Raúl Ferreira aproveitou a oportunidade e deixou uma mensagem: "Espero que a secção de andebol do Sp. Espinho continue a ser apoiada como o foi na época passada e deixo o apelo para que todos os jovens interessados em praticar a modalidade se dirijam aos sábados de manhã ao Pavilhão da Escola Sá Couto." ■ J.L.

FUTEBOL - II DIVISÃO B - Z. NORTE
Sp. Espinho, 4 - Vila Real, 3

Contra 14...

Voltaram no último fim-de-semana as emoções do campeonato da segunda B, zona norte, ao Comendador Manuel de Oliveira Violas. Sp. Espinho e Vila Real mediram forças em jogo a contar para a sexta jornada da competição, sendo que os "tigres" se superiorizaram aos forasteiros e venceram por 4-3. Para além dos muitos golos alcançados neste jogo, há também que realçar o péssimo trabalho efectuado pelo árbitro da partida, que claramente prejudicou a equipa da casa. Com esta vitória, a primeira em casa, o Sp. Espinho salta para a 6.ª posição da pauta classificativa e, no próximo sábado, recebe a formação do Fafe. ■

Taça de Portugal

Após ter eliminado o Maria da Fonte por 3-1 em jogo a contar para a segunda eliminatória da Taça de Portugal, o Sp. Espinho vai medir forças na terceira eliminatória no Comendador Manuel de Oliveira Violas com a equipa do São João de Vêr. Trata-se de uma formação que milita na segunda divisão B zona centro e que o técnico António Jesus considera uma equipa acessível: "É uma equipa do mesmo escalão do Sp. Espinho mas milita na zona centro, é uma zona que possui uma prática de futebol diferente daquela que nós temos imprimido em jogo. Mas o Sp. Espinho, não só por jogar em casa, é claramente favorito a passar à eliminatória seguinte e candidatar-se a defrontar na quarta eliminatória uma equipa da Super Liga. Apesar de tudo, considero que talvez fosse mais fácil para o Sp. Espinho jogar em São João de Vêr." ■

VOLEIBOL

Sortes diferentes

Ainda numa fase de preparação para o campeonato nacional da divisão A1, o Sp. Espinho vai utilizando os fins-de-semana para participar em torneios competitivos. Depois da prestação na Taça Cidade de Espinho, Torneio Internacional de Sória e Torneio Ilídio Ramos, os "tigres" participaram e venceram o 1.º Torneio Cidade da Maia/ISMAL.

A carreira do Sp. Espinho nesta competição começou com a vitória por 3-0 diante do Gueifães. Na final, a equipa orientada pelo prof. Rui Pedro defrontou o seu eterno rival, o Castelo da Maia. Os espinhenses levaram a melhor sobre os maiatos e venceram por

3-1, arrecadando assim o primeiro lugar da competição.

A outra equipa de Espinho que irá militar na divisão A1 é a Associação Académica de Espinho, que, à imagem do Sp. Espinho, continua a realizar jogos-treino. Desta feita, os pupilos do prof. Carlos Simão defrontaram a Académica de Coimbra. Neste duelo entre académicas, os de Coimbra foram melhores e venceram por 3-2.

Na divisão A2, definitivamente as coisas não correm de feição para as duas equipas que representam a cidade de Espinho. Ao cabo de três jornadas disputadas, Clube Vôlei de Espinho e Clube Académico de Espinho so-

mam por derrotas as partidas até ao momento disputadas.

Os "pupilos" de Rolando de Sousa a jogarem em casa foram facilmente superados pelo Desportivo da Póvoa por um esclarecedor 3-0.

A equipa treinada por Alexandre Stein deslocou-se à capital para aí defrontar o conjunto do Nacional de Ginástica. As coisas até começaram bem, com os espinhenses a vencerem o primeiro parcial, mas cedo se afastou a ideia de que o CAE poderia vencer a partida. Com alguma sorte à mistura, os lisboetas conseguiram dar a volta ao resultado, tendo-o fixado em 3-1 a seu favor. ■

Hóquei em patins: tangente

A Associação Académica de Espinho cumpriu, no passado fim-de-semana, a terceira jornada do campeonato nacional da 2.ª divisão, série B. Após a derrota caseira diante do Hóquei Clube da Mealhada, os pupilos

de António Pinto deslocaram-se ao Pavilhão Municipal de Coimbra, por interdição do Pav. Juv. Ouriense, vencer a Juv. Ouriense por 6-5. Nesta terceira jornada, os academistas receberam e bateram os Carvalhos por 4-3. ■

Andebol: estreia com vitória

O Sp. Espinho, mais concretamente a sua equipa sénior masculina de andebol, estreou-se da melhor forma no campeonato distrital de Aveiro. Com a estreia adiantada uma semana, os "tigres" prepararam-se bem para o

encontro e venceram o Águeda B por 17-15.

Tratou-se um encontro disputado e que ficou marcado, pela negativa, pelo mau trabalho da equipa de arbitragem. ■

Futebol juvenil: bem vindo, Filipe!

Vinda de uma derrota algo surpreendente diante do Caldas de São Jorge por 2-1, a equipa júnior do Sp. Espinho encarou esta partida com o União de Lamas como de uma final se tratasse, tal foi o empenho demonstrado em campo pelos "tigres".

Ao intervalo, espinhenses e lamacencos empatavam a uma bola mas, no reatamento da partida, o Sp. Espinho reapareceu em campo com uma postura diferente e conseguiu construir um resultado volumoso (4-1), dan-

do ainda oportunidades de os forasteiros obterem o tento de honra.

Para além da vitória do Sp. Espinho, há que destacar o ingresso de Filipe, jogador que trabalha no plantel sénior e que não foi convocado por António Jesus para a partida com o Vila Real. O departamento de Futebol Juvenil do Sp. Espinho aproveitou a oportunidade de poder contar com o jogador e fé-lo a alinhar de início nesta partida com o Lamas. ■



REZAMPAGO
AUTOMÓVEIS
NOVOS E USADOS
Gerência de António Santos
RUA 18 N.º 1910/20
4500 ESPINHO
TEL. / FAX 227320883
TELEM. 967002589



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

PROGRAMAS DE FÉRIAS

Tal como vem sendo hábito em anos anteriores, a Câmara Municipal de Espinho está a preparar PARA SI, residente no concelho de Espinho, **PROGRAMAS DE FÉRIAS** com diferentes destinos para o ano de 2003:

- **PROGRAMA "BRASIL"**

LOCAL: RIO DE JANEIRO

Destinatários: exclusivo para quem não participou nas viagens de 2001 e 2002, sendo obrigatório que pelo menos um dos cônjuges seja aposentado e tenha 55 anos de idade ou mais.

Condições: duração de 15 dias, comparticipação financeira por participante a definir.

- **PROGRAMA "AÇORES"**

LOCAL: ILHA DE S. MIGUEL

Destinatários: obrigatório que, pelo menos, um dos cônjuges seja aposentado e tenha 55 anos de idade ou mais.

Condições: duração de uma semana, comparticipação financeira por participante a decidir.

- **VIAGEM EM AUTOCARRO AO MARÃO**

Percurso: Espinho, Amarante, Vila Real, Mirandela e Espinho
Destinatários: idosos com idade igual ou superior a 65 anos
Condições: duração de um dia e gratuita. Os inscritos que não comparecerem e não avisarem os serviços com 5 dias de antecedência serão excluídos dos passeios seguintes.

Nota: No acto da inscrição devem fazer-se acompanhar do Bilhete de Identidade e dos cartões de Eleitor e de Contribuinte.

Até lá os melhores cumprimentos.
O PRESIDENTE DA CÂMARA
José Mota

O RESTO É CONNOSCO!!!

Quando e onde pode pedir informações
e inscrever-se?

De 23 de Outubro a 15 de Novembro, das 9:30 às 12:30 e das 14:00 às 17:30, no Posto de Turismo, na esquina das ruas 23 e 6.

TEATRO POPULAR DE ESPINHO

>> novos trabalhos em início de montagem:
>> FELIZ ANIVERSÁRIO, de Harold Pinter
encenação: Ricardo Reis.
objectivos: alargamento do repertório;
atingir novos públicos; dar oportunidade
a jovens elementos do Grupo.

>> Espectáculo com base na obra de GIL VICENTE.
encenação: António Paiva.
nova abordagem da temática vicentina.

novamente duas montagens num ano

convite ao público fiel.
desafio a novas pessoas.